



FUNDAÇÃO

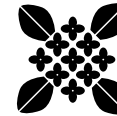
LUSO-AMERICANA

OS DABNEY
UMA FAMÍLIA AMERICANA NOS AÇORES

OS DABNEY

Uma Família Americana
nos Açores

Antologia elaborada
a partir dos Anais coligidos
por Roxana Dabney



Coordenação e prefácio de
Maria Filomena Mónica

Seleção,
organização e notas
de Paulo Silveira e Sousa

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMIX

ESTA EDIÇÃO TEVE O APOIO DA

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA

© 2009, Maria Filomena Mónica
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Os Dabney. Uma Família Americana nos Açores*
Coordenação e prefácio: Maria Filomena Mónica
Seleccção, organização e notas: Paulo Silveira e Sousa
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Vera Tavares

1.ª edição: Setembro de 2009

ISBN 978-989-671-006-4
Depósito Legal n.º 298548/09

Índice

Prefácio	
<i>Maria Filomena Mónica</i>	9
Critérios da antologia	45
Agradecimentos	49
Anais da Família Dabney	51
Genealogia da família Dabney	531
Notas biográficas	535
Índice onomástico	537

Prefácio

Maria Filomena Mónica

CONHECI OS DABNEY através de Mário Mesquita, ou antes — uma vez que tanto John Bass Dabney como o filho Charles e o neto Samuel há muito tinham morrido — através da série de artigos que sobre esta família ele publicara no Outono de 1981¹. Fiquei logo entusiasmada: com os Dabney e com os Açores. Mas tive de aguardar vários anos antes de concretizar o sonho de visitar o arquipélago. Quando o consegui, na Páscoa de 1988, não resisti a espreitar o arquivo de Ponta Delgada.

Sabia que os *Annals of the Dabney Family in Fayal* constituíam uma raridade bibliográfica. Impressos em 1899, apenas tinham tido circulação entre os membros da família, o que explica o facto de nem a Biblioteca do Congresso, em Washington, possuir uma cópia. Para minha surpresa, o bibliotecário de Ponta Delgada informou-me de que dispunha de uma reprodução da obra em microficha, feita com base nos volumes oferecidos em 1977 à Dartmouth Historical Society, de New Bedford (Massachusetts), por Frederick Dabney, e entregues em 1987, neste formato, à Biblioteca e Arquivo da Horta, instituição que, por sua vez, doara uma cópia ao arquivo onde me encontrava. Passei vários dias, satisfeita, a ler as recordações desta família oitocentista².

De volta ao Continente, a investigação que eu tinha em curso — sobre os patrões da indústria portuguesa — levou-me a esquecer os cônsules americanos. Eis senão quando, no ano passado, voltei a conversar com Mário Mesquita. Estava eu prestes a sair do seu gabinete, quando, de chofre, me perguntou se não estaria interessada em colaborar numa antologia dos *Anais*. Depois de alguma hesitação, aceitei. Os Açores têm um poder mágico sobre mim.

Além disso, Mário Mesquita tinha razão: a obra merece maior divulgação do que a que teve até hoje. *Os Anais da Família Dabney no Faial* são uma fonte riquíssima para os historiadores que estudam as ilhas, Portugal, os EUA e o Atlântico³. Traduzida por João C.S. Duarte, com assessoria do historiador Ricardo Madruga da Costa (que a prefacia), veio a público, em versão portuguesa, entre 2004 e 2006, numa edição do IAC-Instituto Açoriano de Cultura e do Núcleo Cultural da Horta, com o patrocínio da Secretaria Regional do Ambiente, da Câmara Municipal da Horta e da Direcção Regional da Cultura⁴. Como sucede com tantas obras publicadas por instituições não comerciais, a circulação e a venda foram diminutas, facto em parte atribuível à sua extensão (1797 páginas). Embora lamentasse ter de truncá-la, percebi que, se não o fizéssemos, a obra corria o risco de ficar esquecida.

Como disse, aceitei a ideia, tendo posto apenas como condição a possibilidade de escolher um colaborador, Paulo Silveira e Sousa, que comigo trabalhara na elaboração do *Dicionário Biográfico Parlamentar*⁵. Procedemos à divisão do trabalho: ao Paulo competiria a dolorosa tarefa de seleccionar o que considerasse mais importante, enquanto eu ficava com o trabalho, mais agradável, de escrever o prefácio. Eis como surgiu este livro.

É altura de entrar em matéria. Começo pelo básico, ou seja, por tentar dar a conhecer o Faial do século XIX. Em 1864, data do primeiro recenseamento nacional, quando a população da cidade de Ponta Delgada ascendia a 16 mil habitantes e a de Angra a 12 mil, a Horta tinha 8549 habitantes⁶. Pode parecer pouco, mas não nos enganemos. Se exceptuarmos Lisboa, com 190 mil habitantes, havia, no Continente, muitas cidades — Guimarães, Beja, Santarém, Aveiro, Castelo Branco, Viseu, Portalegre, Bragança e Guarda — mais pequenas do que a Horta. Esta só era minúscula quando vista por estrangeiros: para os portugueses, era um aglomerado razoável. Não só devido à fertilidade do solo, mas também à sua posição no tráfego transatlântico, a meio caminho entre os EUA e a Europa, a ilha era relativamente próspera: constituía o sítio ideal para os navios se abastecerem de alimentos, de carvão ou outro combustível e para repararem eventuais danos. Como, a seu propósito, diz Jorge Martins Ribeiro: «Era um ponto de encontro para as embarcações que

atravessavam o Atlântico carregadas com vários produtos, entre os quais se contavam bacalhau, madeira, cereais, aduelas e óleo de peixe da Nova Inglaterra, tornando-se um entreposto para trocas comerciais e baldeação.»⁷

Na segunda metade do século XVIII, com a comercialização do vinho do Pico, a ilha vivera bons tempos. Mais tarde, a exportação das laranjas e o negócio da caça à baleia contribuíram para a sua internacionalização: de facto, era ali que os capitães dos barcos de New Bedford recrutavam gente e depositavam o óleo de espermacete já recolhido. A ilha era pequena, estando quase toda a sua actividade concentrada na cidade, a qual vivia à sombra do comércio e dos barcos que por lá passavam. Talvez exista um fundo de verdade naquilo que Antero de Quental, na altura em Angra, dizia, em carta a Oliveira Martins datada de 26 de Junho de 1874: «Aqui nos Açores há um provérbio que reza: «São Miguel, burgueses ricos; Terceira, fidalgos arruinados; Faial, contrabandistas espertos.»». Mas nunca o saberemos: por definição, o contrabando faz parte daquilo a que hoje chamamos economia paralela. Aparentando achar mais graça à castiça Angra do que à sua cidade natal — Antero nascera em Ponta Delgada —, dizia ser aquela «uma terra essencialmente portuguesa e *peninsular*» por ter «pobreza, toiros, *insouciance* sóbria e filosófica, entusiasmo, bizarraria e parlapatice», enquanto S. Miguel seria holandesa e, portanto, «o menos português de quantos cantos do mundo onde se fala a língua de Camões»⁸. Mas voltemos à Horta.

A cidade estava isolada, não tanto relativamente ao mundo, mas às outras ilhas. Segundo queixas da Junta Geral da Horta em 1840, podiam decorrer dois, três ou quatro meses, no Inverno, sem que houvesse embarcações dali para S. Miguel, Flores ou Terceira⁹. Todavia, na esfera atlântica, era o porto mais importante. Os navios que levavam para o estrangeiro o vinho do Pico forneciam-lhe, entre outras coisas, as aduelas para o fabrico das pipas. Além disso, o Faial estava ligado às embarcações que, partindo de Inglaterra, se dirigiam às Índias Ocidentais. Daí a presença, a partir da segunda metade do século XVII, de negociantes estrangeiros, e daí que nações como a França ou os EUA para ali tivessem designado representantes. Em 1790, ou seja, apenas 14 anos depois da independência, o Congresso

americano nomeara John Street, um inglês naturalizado, para vice-cônsul no Faial, o qual, em 1806, viria a ser substituído por John Bass Dabney¹⁰. Como veremos, este ocuparia o posto durante uma fase difícil, quando, na sequência das Invasões Napoleónicas, Portugal transferiu a Corte para o Brasil, ao mesmo tempo que tinha lugar a guerra anglo-americana (1812-1814) e que, no Continente, eclodia a Revolução Liberal.

Muitos estrangeiros visitaram o Faial ao longo do século XIX, tendo deixado testemunho da sua passagem. Por muito pitorescas que as descrições sejam, e são-no, têm de ser interpretadas com cuidado, uma vez que são influenciadas pelos seus preconceitos. Às notas do americano John Webster prefiro o relato, infinitamente mais frio, do britânico Joseph Bullar, o médico que, na companhia de um irmão doente, passou vários meses no arquipélago. Mais do que respigar em várias fontes, optei por me basear no que Bullar diz sobre a sociedade faialense, onde viveu entre 19 de Abril e 26 de Maio de 1839¹¹. Para quê parafrasear o que ele tão bem descreve? Não se admirem com a extensão das citações.

Eis como relata a chegada à ilha: «Cerca das três horas da tarde, lançámos ferro ao fundo na baía da Horta. Terminada a barulhenta manobra e ferradas as velas, veio de terra um barco verificar se havia doenças ou tabaco a bordo e dar-nos licença de desembarque. Enquanto isso se fazia, íamos observando a cidade da Horta (há pouco elevada por D. Pedro a esta categoria), cujo aspecto é o que melhor impressão deixa, de entre outras cidades ou vilas açorianas que visitáramos. A sua situação não podia ser melhor, tanto sob o ponto de vista comercial, como no que concerne à sua beleza natural.» Informava ser este, no arquipélago, o porto mais seguro, por estar protegido do vento pela ilha do Pico. Destacava, em seguida, a beleza do casario: «A cidade está edificada junto à praia, estendendo-se ao longo da baía larga linhas de casas brancas sem chaminés, sobressaindo de entre elas igrejas, conventos e edifícios públicos.» Contra o pano de fundo da escura montanha, erguia-se um renque de casinhas brancas.

Para Bullar, o Faial era mais civilizado do que Ponta Delgada, uma vez que ali passara «um serão de família no meio de todos os benefícios e requintes de que goza o homem altamente civilizado».

Não se pode deixar de pensar que a frase foi escrita depois de um jantar em casa dos Dabney. De qualquer forma, sentiu-se bem. Uma vez que o poder local havia proibido a presença de porcos, as ruas estavam limpas¹². Por outro lado, as casas eram mais modernas do que as de S. Miguel (isto é, tinham vidros nas janelas). Gostou ainda do facto de os proprietários abastados deixarem por cair as cantarias, tendo o hábito de colocar os brasões sobre as portadas. Ao contrário do que acontecia em S. Miguel, os jardins tendiam a ser «à francesa», esclarecendo que, tendo em conta o clima, as plantas se apresentavam ali tão perfeitas como se fossem cultivadas em ambientes artificialmente aquecidos. Nos jardins ricos, viam-se gerânios, fúcsias, rosas, cravos, laranjas, limões, limas, goiabas, palmeiras, cana-de-açúcar, bananeiras, plantas do tabaco e da borracha e cameleiras. As casas dos pobres ostentavam, em canteiros, roseiras, ervas de cheiro e cravos. Referia ainda, com agrado, os fatos típicos das aldeias.

O olho clínico treinara-o para a observação etnológica. Eis como descrevia os trajas dos aldeões do Pico: «Usam jaqueta curta, de estaménha, vermelha, colete e calções do mesmo tecido e cor, com polainas abotoadas sobre os pés.» No Faial, os camponeses «andam descalços ou cobertos de sandálias de coiro (onde não raras vezes ficaram restos do pêlo de boi), atadas por sobre o dedo grande». Louvava a forma de trajar feminina: «As mulheres, além dos capotes e capelo de pano azul-escuro, usavam lenços vistosos de grande variedade de cores, os quais, posto que muito vivos e garridos, não deixavam de parecer bem.» Mencionava, todavia, com desaprovação o facto de passarem os dias sentadas no chão, espreitando pelos buracos das janelas.

Prosseguia, anotando pontos negativos e positivos. Lamentava a falta de burros para alugar, a tendência dos habitantes para mentir e o «fraco chá, o fígado frito e os ovos cediços» que se serviam na única pensão da cidade. Espantava-se ainda com o facto de as lojas não terem montras, não podendo expor os seus artigos: «Na rua principal da Horta, nada mais se vê do que uma longa fila de portas abertas, com prateleiras e balcões.» Sentia-se perdido entre as ruas, indistintas e homogéneas, tão diferentes da variedade, rebuliço e cor das artérias londrinas. Dominando a cidade baixa, erguia-se a casa dos Dabney, à qual se acedia por um atalho debruado a laranjeiras.

Ao falar do mercado local, o seu talento antropológico é ainda mais notório. Eis o que, a 11 de Maio de 1839, anotava: «Fui hoje de manhã cedo de passeio até ao mercado, que se efectua, parte num edifício coberto, parte na rua. Mulheres idosas e tostadas do sol, do Pico, de capotes pretos e trazendo na cabeça lenços brancos, encimados por chapéus de palha redondos e abeiros, sentavam-se no chão, diante de pilhas de pequenos queijos, de biscoitos e de ovos; outras vendiam peças de pano de linho feito na ilha e barretes cónicos de fio de lã, de variadas cores. Havia ali padeiros macilentos, com cestos de pão de trigo e de milho; carniceiros, da cor da carne que vendiam, acorados por detrás de pedaços de carne; gente do campo, com cestos de batatas, couves e cebolas; e pescadores, com peixe fresco, apanhado de madrugada. A rua e o mercado estavam cheios de gente, todos, é claro, falando alto, com força e ao mesmo tempo.» Vira depois um magote de cegos, conduzido por outras pessoas, deparando-se, ao chegar ao vizinho cais, com 70 velhas, sentadas em frente do escritório de Charles William Dabney. Estavam ali, explicaram-lhe, aguardando a esmola que o cônsul americano costumava dar-lhes todas as semanas.

No capítulo seguinte, conta a viagem ao Pico, onde ficara hospedado na casa que os Dabney ali possuíam. Fala-nos das videiras, aprisionadas em canteiros de pedra, mencionando, com espanto, a ausência de árvores, aspecto que já o chocara no Faial. No final, assistiu à festa do Domingo do Espírito Santo, relatando tudo sem os usuais comentários sobre a influência negativa da Igreja Católica junto do povo. Apenas observou que, no arquipélago, os ricos eram menos caridosos do que os seus parceiros estrangeiros, pelo que a extinção dos conventos teria deixado os pobres em pior situação do que anteriormente: «A falta de prescrições legais tem sido nesta ilha grandemente atenuada pelas dádivas generosas de um cavaleiro americano que tem conquistado o bem merecido nome de *pai dos pobres*.» Terminava com uma previsão optimista: «Quando a navegação transatlântica a vapor estiver em pleno desenvolvimento, de modo que, além do tráfego Inglaterra-América, a mala das Índias Ocidentais seja transportada de quinze em quinze dias em barcos a vapor, e, quando houver, como se projectam, comunicações regulares

entre a França e as Américas do Norte e do Sul, pelos mesmos meios, o porto da Horta virá possivelmente a ser muito frequentado.»

O americano John White Webster passou pelo Faial nos finais do Antigo Regime¹³. Em 1818, casara com Harriet Frederica Hickling, filha do vice-cônsul americano de S. Miguel. Note-se ser este o mesmo que, mais tarde, e pelas piores razões, se tornaria famoso. A acusação, que em 1850 os jurados consideraram provada, de que assassinara um colega da Universidade de Harvard levá-lo-ia ao cada-falso. Descendente de um comerciante milionário de Boston, Webster pertencia às classes altas dessa cidade: a sua mãe era uma Leverett e o seu cunhado um Prescott, ambas dinastias fundadores da cidade¹⁴. Tinha ainda laços familiares não só com os Hicklings, mas também com os Dabney, pelo que o escândalo também os afectou. John Pomeroy Dabney, o neto de John Bass, casara com Sara, uma das filhas de Webster, tendo uma outra, de seu nome Harriet, casado com Samuel Wyllis Dabney. Após o enforcamento, os «Brahmins de Boston» comportaram-se de acordo com as regras da tribo, evitando falar do caso a quem quer que fosse. No seu diário, Roxana Lewis Dabney apenas apresenta uma referência, tardia e velada, a «um facto triste que melhor será guardarmos, tanto quanto possível, para nós».

Apesar dos seus fortes preconceitos, vale a pena abordar a forma como Webster descreveu os açorianos. Para ele, os morgados de S. Miguel eram uma gente deplorável, que passava o tempo «num estado de grande indolência e ignorância, parecendo consistir quase toda a sua felicidade em comer, dormir e amontoar dinheiro». Acrescentava: «Os morgados são extremamente desmazelados no seu vestuário; e o interior das suas casas é desolado e triste. Muitos deles, não tendo recebido educação alguma, deixam crescer os seus filhos na ignorância e na ociosidade.» Notava, todavia, certos progressos: «O aumento de relações com nações mais civilizadas e o exemplo de colonos estrangeiros que educam os filhos em suas próprias casas ou os mandam estudar para outros países a fim de se aperfeiçoarem, parece ter despertado a ambição de alguns açorianos, que começam a mandar os seus filhos para Inglaterra ou Portugal.» Note-se que estava a escrever num momento de expansão do comércio da laranja, quando os proprietários estavam a tentar modernizar-se.

Isso não o impediu de ser crítico: «A agricultura acha-se num estado muito rudimentar. A suavidade do clima, em virtude do qual pouco ou nada há a temer das vicissitudes do tempo, a facilidade com que se adquirem os meios de subsistência, uma aversão inata para o trabalho, juntamente com uma repugnância hereditária à introdução de melhoramentos modernos, tudo tende a retardar o progresso.» O sistema de arrendamento parecia-lhe péssimo: «A maior parte dos ilhéus, não tendo interesse pessoal pelo terreno que cultivam, pouco mais fazem do que o absolutamente necessário, deixando o resultado quase inteiramente à natureza.» Não se pense que era o único a exprimir opiniões semelhantes. Em Portugal, muitos comungavam da sua visão do mundo. Embora o facto de ser protestante lhe desse uma tonalidade própria, outros, como, por exemplo, Luís Mouzinho de Albuquerque, exprimiram ideias parecidas, o que lhes advinha do tipo de filosofia — o Iluminismo — por ambos partilhado¹⁵.

Quanto ao Faial, Webster confessava estarem as terras mais bem cultivadas do que em S. Miguel. Contava que a ilha exportava laranjas e limões, bem como vinho do Pico, local onde os grandes proprietários eram os donos das melhores terras: «As maneiras e costumes dos naturais não diferem dos de S. Miguel, mas, na Horta, devido ao grande número de residentes estrangeiros e visitantes, a sociedade é muito mais variada e culta.»

Nos anos de 1831 e 1832, a pacata vida da ilha foi agitada por uma série de convulsões políticas e sociais¹⁶. A 17 de Abril de 1831, o Exército liberal, comandado pelo conde de Vila Flor, partiu da Terceira a caminho das ilhas do Oeste (Faial, Pico, Flores e Corvo), numa expedição destinada a encetar a submissão do arquipélago à regência de Angra. O primeiro destino deveria ter sido o Faial, mas, devido ao mau tempo, os navios acabaram por ancorar no Pico, o que não foi mau, uma vez que o Faial estava bem guardado por tropas miguelistas. A 30 de Maio de 1831, sem que ninguém disso tivesse conhecimento, D. Pedro apareceu a bordo de uma fragata inglesa, de onde enviou mensagens para a Horta. Quando souberam da sua presença, os miguelistas optaram por se render.

A 22 de Junho, o Faial aderiu à causa da rainha D. Maria, tendo os miguelistas fugido numa fragata inglesa que se encontrava no porto.

Poucos dias depois, a Carta Constitucional foi aclamada e libertaram-se os presos da frustrada revolta de 1828. Nos princípios de Agosto, completou-se a conquista do arquipélago. Da passagem das tropas liberais pelo Faial temos vários testemunhos, entre os quais o do marquês da Fronteira. Este informava que o imperador D. Pedro ficara hospedado em casa da família Terra, que o havia recebido «esplendidamente» e comentava: «As senhoras da Horta são muito mais bonitas e elegantes do que as de Angra; reuniam-se todas as noites no Quartel Imperial, onde se dançava até de madrugada. A ilha é muito pitoresca; fizemos várias excursões em diferentes direcções que muito nos agradaram e divertiram. O corpo consular era bastante numeroso e, entre eles, distinguia-se o cônsul dos Estados Unidos, que tinha mandado vir do seu país uma bela casa de campo, que armou num sítio encantador, dando nela um esplêndido jantar e baile ao Imperador.»¹⁷

Também o capitão Boid, secretário do almirante Sartorius, nos fala da visita¹⁸. Segundo ele, as causas do atraso açoriano resumir-se-iam à presença da Igreja Católica e à indolência dos morgados. Nos capítulos introdutórios, fala sobretudo do arquipélago. As classes altas constituíam um «raça pomposa e tirânica, exibindo o mesmo tipo de despotismo em relação aos seus inferiores e dependentes que o governo em relação a todos eles». No entanto, considerava que os ricos eram caridosos para os pobres e simpáticos para os estrangeiros. O que mais o surpreendia era a sua ignorância: viviam como se mais nenhum país existisse à superfície da terra. As classes médias, as poucas que existiam, eram inferiores, do ponto de vista cultural, às congêneres europeias. Quanto aos pobres, escandalizava-o sobretudo o facto de serem as suas mulheres a fazer os trabalhos pesados, o que as envelhecia antes de tempo. Considerava a ilha fértil, espantando-se que apenas um quarto estivesse cultivado: «Que destino espectacular para a emigração de uma raça mais trabalhadora!» Enfim, as terras poderiam ser um paraíso de prosperidade, se... fossem inglesas.

Boid entrara na Horta de madrugada, quando o sol se levantava por detrás do Pico, o que dava ao cenário um encanto especial. Ficou deliciado com a cidade em anfiteatro, decorada com torres conventuais. Infelizmente, mal saltou do barco, o sonho desfez-se. Afinal,

a cidade era composta apenas de uma única rua, longa e irregular. O porto, reconhecia, era melhor do que os das outras ilhas, embora estivesse exposto aos ventos de sudeste, contrariados, é certo, por uma corrente subterrânea.

A sua estadia foi tornada agradável pela forma como foi recebido pelos Dabney, «em cuja elegante mansão, nos arredores da cidade, todos os ingleses tinham sido alvo de uma amizade simples e de um acolhimento reconfortante; isto, em conjunto com a cultura que caracteriza este pequeno círculo, fez com que os presentes nutrissem por eles um forte sentimento de gratidão». Foi através desta família que obtive informações e que visitou os sítios mais interessantes. Nos passeios pelos arredores, pudera verificar que havia partes do Faial bem cultivadas. A razão era simples: estas colheitas — batatas, cebolas, ervilhas — destinavam-se aos tripulantes dos navios baleeiros que por ali passavam. Notava que as frutas — nomeadamente os damascos — tinham um sabor melhor do que as de outras proveniências. Sobre a população do Pico, dizia: «Trata-se de uma raça afável e benigna e que, quando sente que tem motivos racionais para se aplicar no trabalho, o faz de forma excessivamente concentrada; fora isso, como os portugueses, a sua disposição é, em geral, para a indolência; e, como em todos os países pouco avançados do ponto de vista da Civilização, ou da inteligência moral, os homens atribuem às mulheres as tarefas mais trabalhosas e degradantes.» Concluía, com tristeza, que as mulheres eram umas escravas.

Poderíamos pensar que o tom sombrio apenas se encontra entre os estrangeiros. Não é o caso: um açoriano existe que também o usou no seu retrato da ilha. É verdade que era micalense, mas José do Canto não era homem para se deixar influenciar por bairrismos. Em 1842, casara com uma das maiores herdeiras do arquipélago, Maria Guilhermina Taveira Brum da Silveira, que possuía terras no Faial. Mal arranjou tempo, decidiu ir ver como estavam a ser geridas as suas novas propriedades, pelo que, em 1844, residiu grande parte do Inverno no Faial, onde viria a conhecer os Dabney. No Verão de 1845, em nova visita ao Faial, dizia ao irmão mais velho: «Aqui estamos na afamada e nunca assaz louvada Faial! Na terra clássica da bazófia e macaquice! Na pátria da fidalguia! No país da delicade-

za e civilidade! Não te admires dos meus pontos admirativos, nem percas o desejo de nos vires fazer alguns dias de companhia, dentro dos nossos lares estás em S. Miguel, tens irmão e família (...)» Até se poderiam divertir, «zombando» dos locais. Segundo ele, os faialenses nada percebiam de agricultura: «Esta ilha, assim como quase todas as suas irmãs dos Açores, é muito favorecida pela Natureza: os terrenos, apesar do descrédito em que os seus habitantes os põem, talvez para desculparem o seu desleixo, parecem-me muito bons e a prova tenho-a nos lindos campos de milho que tenho observado por quase toda a parte por onde tenho ido, sendo aliás prática constante não se estrumarem os terrenos com mais do que tremoço, quer sejam terras baixas, quer sejam nos montes. O aspecto do país é também muito pitoresco, as ondulações do terreno são muito mais suaves do que na nossa ilha, nem há a quantidade de picos isolados que aí observamos (aqui não é “pico”, é “cabeço”).»¹⁹

José do Canto nunca gostou do Faial. A 1 de Novembro de 1845, queixava-se, ao mesmo irmão, de para ali estar, naquele «desterro povoado», informando-o, escandalizado, de que aquilo era uma terra onde nem se publicava um único periódico: «Vive-se aqui como se não houvesse mais mundo.»²⁰ O seu quotidiano era felizmente preenchido pelo trabalho: andava a medir as propriedades, a verificar a gestão e a organizar a contabilidade. O que não era mau, uma vez que, exceptuando os Dabney, não havia ninguém com quem lhe apetecesse falar. A sua embirração com o local estendia-se às mulheres. Numa carta às irmãs, dizia-lhes que as mulheres do Faial eram todas feias — usavam ancas postiças e jamais punham vestidos de seda — e que as ruas estavam desertas. Exceptuando as americanas, nunca saíam de casa. Nos seus tempos livres, os morgados faialenses limitavam-se a fazer visitas uns aos outros. Contava que, ao longo da sua estadia, apenas saíra uma vez, a fim de lanchar em casa dos Dabney, onde lhe fora oferecido chá, café, pão, manteiga, queijo e uns bolinhos muito bons, de milho, «feitos à americana», de que prometia levar-lhes a receita: «Conversou-se, tocou-se, vimos dançar a polca, vimos pinturas e voltámos às 10 e meia para casa.» Acrescentava: «Gostei bastante pela sem cerimónia e pela simplicidade.»²¹ O mesmo isolamento era sentido pelos Dabney. A 10 de Março de

1846, a Sra. Dabney contava à filha, Roxana: «O Sr. e a Sra. Canto & Cia passaram connosco o último serão e foram, como é hábito, muito amáveis», após o que exclamava, diante do anúncio da sua partida para a Europa: «Gostava que tivéssemos aqui algumas famílias como a deles e tenho muita pena de que se vão embora, apesar de os termos visto muito pouco.»²²

Assim se passava a vida no Faial. Dos anos que se sucederam, pouco sabemos, a não ser o que lemos nos *Anais*. Acalmado social e politicamente o Continente, os militares deixaram de aparecer, voltando a ilha à rotina. Até que, em 1867, ali aportou um barco estranho, o *Quaker City*. Lá dentro, acompanhada por Mark Twain, vinha uma nova raça: o turista. O mais interessante em *Innocents Abroad*, o livro que Twain escreveu com base na viagem que o levaria até à Palestina, é o facto de ser um relato pouco inocente. Twain queria fazer troça dos roteiros de cariz sentimental, brincar com a imagem que os europeus tinham dos seus conterrâneos e sobretudo ganhar dinheiro com as reportagens.

Depois de louvar as casinhas brancas, lembrava que as ilhas açorianas pertenciam a Portugal e que, por conseguinte, fácil era encontrar ali traços nacionais. Eis a descrição da chegada: «Um bando de marinheiros portugueses, escuros, barulhentos, mentirosos, indolentes, gesticuladores, com brincos de cobre nas orelhas e fraude nos corações, subiu até à parte lateral do navio e alguns de entre nós conseguiram negociar com eles a forma de nos levarem até à costa, a tanto por cabeça, em moedas de prata de qualquer país.» Uma vez em terra, deparara-se com homens e mulheres, rapazes e raparigas, todos miseráveis, os quais lhe pareceram mendigos «por instinto, educação e mister». A meio do passeio, entrevistou mulheres, nas soleiras das portas, cobertas de capotes, a mais feia indumentária jamais vista. Como, na sua opinião, os Açores eram pouco conhecidos nos EUA — nenhum dos seus companheiros jamais ouvira falar do local — decidiu deixar alguns apontamentos. Eis a descrição: «Esta comunidade é fundamentalmente composta por portugueses, quer dizer, é vagarosa, pobre, parada, adormecida e preguiçosa.» Escandalizava-o sobretudo o facto de, na ilha, se desconhecer qualquer inovação mecânica susceptível de ser aplicada à agricultura: «Qualquer portu-

guês que se preze benze-se e reza a Deus para que o livre de qualquer desejo blasfemo para saber mais do que o seu pai.» Condescendia em afirmar que o clima era bom, para, logo a seguir, notar que, apesar das más condições em que vivia, a população lhe parecia feliz. No fundo, o povo do Faial pouco se elevava acima dos animais, com quem, aliás, comia e dormia. A ilha estava para ali, estagnada, desde o momento da Criação. Os únicos traços redentores eram as estradas, sólidas e cómodas, melhores do que as dos EUA. Isto para não falar da fruta — laranjas, limões, figos e damascos — de que os turistas se tinham abastecido antes de regressarem ao navio²³. Se citei o texto de Mark Twain não é porque o tomo literalmente — nenhum leitor deverá fazê-lo —, mas sim porque foi escrito por alguém famoso. Mas, entre a descrição de Bullar e a deste, é evidente que a primeira é uma fonte mais crível.

Depois, existe um novo hiato nos relatos. Só em 1889 nos deparamos com o da Sra. Charles Roundell, uma escritora inglesa que, à época, era relativamente conhecida²⁴. Como outros, considerou a cidade, com as suas casinhas brancas e os seus laranjais, uma beleza. Notava ainda que na ilha existiam muitos moinhos, mas nenhuma chaminés. Na altura — em Março — estava ali ancorado um navio baleeiro americano. O estreito entre o Pico e o Faial era, contava, um local muito frequentado por baleias, pelo que ali havia vários barcos aguardando a saída para o mar. Relatava estar em construção um cais, o que constituía uma vantagem, pois o desembarque, às costas de uns marinheiros meio nus, era incómodo. Ao descrever, com minúcia, as casas, notava que algumas — o que antes não fora referido — tinham azulejos azuis, embora também existissem amarelos e verdes. As mulheres continuavam, por ali, sentadas na soleira das portas, à espera sabe Deus de quê.

Num passeio pelo campo, notara que havia terras separadas por muros construídos à base de pedaços de lava. Informou que as laranjas do Faial amadureciam mais cedo do que as de S. Miguel e que os jardins do Faial eram mais bonitos do que os de Ponta Delgada, pois, em vez de árvores exóticas, tinham flores. Além daquele que pertencia à família Silveira, citava os da «Bagatelle» e da «Fredonia». Havia agora dois hotéis na cidade, o «Hotel Faial», gerido por um casal

estrangeiro, o Sr. e a Sra. Edwards (onde pela primeira vez comera batata doce), e o «Hotel Central», administrado por portugueses. A grande, e praticamente a única, indústria do Faial era a manufatura de chapéus de palha, de que anualmente eram exportados 300 mil para os EUA. Embora mencione as casas, não frequentou os Dabney.

A beleza do Pico, quando visto de madrugada, fascinou-a. Segundo ela, as mulheres desta ilha — com as suas feições regulares, narizes apolíneos e postura graciosa — eram mais bonitas do que as outras. Contava que os barcos do Pico atravessavam todos os dias o canal, transportando para o Faial carvão, galinhas, pão, ovos, queijo, vegetais, vinho e fruta. Referia a doença do *oidium* que, em 1853, destruíra parte das vinhas. Antes desta epidemia, a ilha teria exportado anualmente cerca de 30 mil pipas, quantia certamente exagerada, tendo depois a quantidade diminuído. As videiras sobreviventes, que podiam ser vistas entre murinhos de pedra escura, pareciam, nas suas palavras, um *puzzle* infantil. Em 1852, os laranjais haviam sido igualmente vítimas de outra epidemia, provocada pelo *coccus hesperidum*. Como tantos outros, também a Sra. Charles Roundell notava a ausência de árvores nas ilhas, criticando o governo por deixar que se tivesse procedido ao abate sem impulsionar a florestação.

Chegamos ao ponto crucial: os *Anais da Família Dabney no Faial*. Que representa esta compilação de documentos? Que nos diz ela sobre a ilha que, durante três gerações, os Dabney fizeram sua? Quem era esta família? Começemos pela natureza da obra. Esta foi organizada por Roxana Dabney (1827-1913), a pedido das sobrinhas, que, em 1880, a tinham ido visitar ao Faial. Já com 53 anos, a senhora começou a juntar os papéis que à família diziam respeito, desde cartas trocadas entre os seus membros a excertos de diários, desde correspondência relativa a negócios a ofícios com as autoridades locais, isto tudo até 1871, ano em que Charles William morreu.

Além de um retrato da ilha, ou, para ser mais rigorosa, da forma como ela era vista, o espólio revela-nos o quotidiano de uma família de expatriados. A sua opinião sobre os habitantes do Faial é frequentemente expressa. Uma das cartas mais importantes é a que foi endereçada pelo patriarca, John Bass, a um amigo seu, Jesse Putnam, a 20

de Fevereiro de 1805, ou seja, apenas um ano depois de ali ter chegado. A nota mais viva é a dificuldade de adaptação aos costumes locais: «Acabo de regressar, após ter partilhado um jantar português — *en famille*. A moderação na alimentação não deve ser contada como uma virtude nestas ilhas, porque, na verdade, um homem tem de possuir um apetite voraz para que seja capaz de empurrar para baixo mais um bocado, depois de satisfeitas as necessidades básicas da natureza. Acontece muitas vezes que tudo o que está em cima da mesa seja avinagrado, com excepção dos pickles. Põem vinagre ou limão nos guisados, e até nas sopas. O pão, a coisa mais execrável que alguma vez foi provada, está sempre azedo e os seus modestos vinhos são em geral isso mesmo, e é um facto que os seus pickles, sendo mal preparados, são desinteressantes e insípidos.» Habitado aos pratos americanos ou franceses, era improvável que gostasse da cozinha faialense. Vejamos, contudo, o que se segue: «A terra, aqui, é bastante produtiva, a maior parte das vossas plantas de jardim e frutos são produzidos aqui, mais uma quantidade considerável de outros que não tendes na Nova Inglaterra. A criação e o peixe fresco são extremamente abundantes e razoavelmente bons. Ovos, manteiga e queijos amanteigados com fartura, e a carne dos talhos é razoável, mas estas pessoas não têm nenhuma ideia de como combinar estas coisas para conseguir uma mesa apetitosa. Por exemplo, fui no outro dia jantar um verdadeiro bacalhau de Boston e tinham-no cortado em pequenos pedaços e cozido, suponho que durante quatro horas. Foi trazido para a mesa, seco, e não foram apresentadas batatas (embora elas abundem no mercado) nem uma gota de molho de manteiga. Foi necessário comer como eles fazem, com um molho feito no prato com azeite rançoso e vinagre ou deixá-lo inteiramente de lado. Não preciso de lhe dizer que o meu paladar não conseguiu estar à altura e jantei um prato de favas, cozidas somente em água com ervas aromáticas!!» Quanto à alimentação, tudo era um horror. Mas esta não era o único alvo das suas críticas: «Não existe nenhuma estalagem ou casa de hóspedes nestas ilhas e como vivo de cortesia não tenho o direito de queixar-me, embora seja sabido que dou em troca presentes numa quantidade muito maior do que o valor da hospedagem, ou seja, o que poderá chamar hospitalidade irlandesa.» Quanto às classes altas, a sua opinião era igualmente negativa: «Fui

a vários chás e bailes nas casas dos morgados ou da nobreza (festas de aniversário). Não há povo à face da terra que seja mais obstinado nas distinções familiares, nem sequer os nobres de Itália, alguns dos quais, sabemos-lo, pouco mais têm do que a roupa que vestem. Há aqui três ou quatro famílias consideradas localmente de primeira qualidade. Há umas trinta ou quarenta senhoras de boas famílias neste lugar, cujas compleições não são favoráveis à beleza, mas vi várias que passariam, em qualquer país, por mulheres elegantes. Raramente são vistas fora de casa, excepto nalguma festa, pública ou privada.» Espantava-o que os locais não aproveitassem o clima da ilha: «Desfrutar de ar fresco e de exercício ao ar livre é uma coisa de que estas pessoas, homens ou mulheres, não têm a mínima noção, nunca se aventurando fora das suas casas, a não ser em ocasiões urgentes.» No meio disto, surgia um facto estranho: «Os vestidos das senhoras surpreenderam-me. Isoladas do mundo como estão nestas ilhas, esperava encontrá-las vestidas de uma maneira rústica e grotesca e em vez disso (embora alardeiem demasiados adornos) os seus vestidos são elegantes. Usam o cabelo penteado em caracóis sobre a testa de uma maneira muito graciosa, e as suas capas e chapéus, apesar de feitos por elas, assemelham-se muito ao gosto francês.» Incluía ainda uma nota positiva: «Acho as casas de habitação muito confortáveis para um clima ameno. São construídas de pedra, com dois, três, quatro (algumas cinco) andares. O rés-do-chão, que conto como um andar, é ocupado por armazéns, adegas, etc. Para lhe dar uma ideia das casas, descrevo apenas aquela em que estou hospedado. O quarto que ocupo mede vinte por dezoito pés, uma entrada adjacente, trinta e quatro por dezoito, uma escada e a antecâmara ocupam vinte e oito por dezoito pés, depois vem o salão com vinte e dois por trinta e dois, e a seguir uma sala de chá com vinte e oito por dezoito, todos eles com frente para a rua principal em comprimento ou em largura e todos têm dezasseis pés de altura. Em suma, a casa tem uma fachada de 128 pés e duas alas de cerca de 80 pés de profundidade, nas quais se situam os quartos para alugar, escritórios, celeiros, etc. É uma das casas maiores, é certo, mas há muitas outras mais bem divididas e todas são espaçosas, sendo os melhores quartos ricamente acabados e mobilados. Toda esta casa com todos os seus armazéns, jardim e anexos, mesmo no centro do comércio, aluga-se

por cem dólares por ano.» À medida que avançava, as características positivas vinham ao de cima: «A justiça é razoavelmente bem administrada aqui, embora a autoridade civil esteja toda concentrada nas mãos de um único juiz, cuja decisão é absoluta em todos os casos, salvo apelo para o Governador-Geral na Terceira ou para Lisboa. Tudo o que respeita às coisas militares é do domínio do Governador, que não é mais nem menos do que o Comandante Geral das forças da ilha.» Mas este tom não duraria: «Os morgados ou as pessoas de qualidade, em particular as mulheres, são arrogantes e altivos para com os que lhes são inferiores, enquanto as classes média e baixa são gentis e bem-educadas umas com as outras e respeitadoras até ao servilismo em relação aos que tomam por seus superiores. É um povo muito pacífico e sossegado. Não ouço falar de ter sido cometido nenhum crime e, apesar de o homicídio ser em geral punido com poucos meses de prisão, raramente se vê um caso desses.»²⁵

Seis anos depois, a 20 de Fevereiro de 1811, eis o que ele escrevia ao irmão de um cunhado seu: «Certamente que é do seu conhecimento a situação e número destas ilhas; S. Miguel, Terceira e Faial são as principais para o comércio externo. Os produtos das Flores, do Corvo, do Pico, de S. Jorge, da Graciosa e de Santa Maria são na sua maior parte transportados em pequenas embarcações para uma das ilhas mencionadas em primeiro lugar, sendo aí consumidos ou embarcados para outras paragens no estrangeiro. A produção exportada para o estrangeiro pode ser calculada, num ano muito bom, em dez mil pipas de vinho, duas ou três mil pipas de aguardente, 120 mil caixas de laranjas e limões e cerca de meio milhão de *bushel*²⁶ de trigo, milho, ervilhas e feijões. A exportação média fica provavelmente aquém de uma terça parte do dito acima.» Sobre S. Miguel, escrevia: «Daí são exportados três quartos dos frutos e cereais acima mencionados. Ponta Delgada, a capital, é uma cidade de tamanho considerável, e existem também várias grandes vilas e freguesias. A ilha é muito rica, tem algumas boas estradas, elegantes casas de campo e jardins, vários milhares de cavalos e mulas ou burros; cerca de setenta e duas carruagens; e quatro milhões de dólares em espécie.» Sobre a ilha onde residia, informava: «O Faial tem muitas vantagens sobre as outras ilhas, sendo a principal o seu porto muito espaçoso e

razoavelmente seguro para os propósitos do Comércio, reparações ou para refrescar.» E sobre o Pico: «Tem cerca de 8000 pés de altura e no cume do Pico, que tem a forma de um pão de açúcar, há uma cratera da qual se escapa constantemente uma grande coluna de fumo. De Novembro a Maio, o cume está frequentemente coberto de neve. A ilha tem vinhas plantadas desde a margem do mar até uma légua terra adentro e produz em geral de uma a duas mil pipas do melhor vinho destas ilhas. Os proprietários desses vinhedos são principalmente habitantes do Faial e muitas famílias têm pequenas casas de campo e vão lá anualmente para fazer o vinho, que é imediatamente mandado em barcos para o Faial e daqui exportado para toda a parte, mas principalmente para as Índias Ocidentais e para os Estados Unidos.» Depois de enumerar as vantagens, dizia quais eram os problemas com que se defrontava quem para ali fosse viver: «As desvantagens que acompanham o viver aqui são a ausência do que chamamos sociedade racional e dos meios de educarmos os nossos filhos. Há uma grande sociabilidade entre as pessoas daqui e temos bailes e festas muito frequentemente. Como os estrangeiros estão continuamente a ir e vir por cada chegada e recebemos gazetas e outras publicações, não sinto grande falta de mais convívio, mas sou obrigado a mandar os meus filhos para a Inglaterra ou para a América, para a sua educação, o que é doloroso e muito dispendioso.» Além disso, nem sempre os estrangeiros eram vistos com bons olhos: «Como há aqui uma quantidade suficiente de pessoas capazes de assegurar o comércio da ilha, são muito desconfiadas em relação aos estrangeiros que vêm para aqui para negociar e conluíam-se para contrariá-los e prejudicá-los, de tal maneira que não é fácil que tenham sucesso. Os cônsules estrangeiros são uma excepção, pois sabem que eles têm de residir aqui quando enviados para cá, acolhendo-os muito cordialmente e admitindo-os imediatamente na sua comunidade comercial.» Gostavam especialmente dos representantes dos EUA, país de onde recebiam muitas mercadorias: «Dado que uma grande parte das coisas que este povo quer do estrangeiro é quase exclusivamente fornecida pelos Estados Unidos, como tábuas, vigas de madeira, cera, arroz, óleo de baleia, chás, nanquins, artigos navais, rum, linho, couro, milho (as duas últimas colheitas foram escassas) e que, por isso, passam todas

pelas minhas mãos e uma grande parte delas é importada por mim, isso permite-me tomar uma posição dianteira nesta ilha.» Fornecia-lhe pormenores sobre os seus negócios: «As minhas exportações em 1810, por minha própria conta e à comissão, ficaram pouco aquém de 90 mil dólares. Em consequência da lei interditando o intercâmbio comercial com a Inglaterra, esta ilha converteu-se num dos entrepostos externos (em 1809 e 1810) para os produtos americanos que eram daqui reexpedidos para Inglaterra. Isto originou aqui uma tremenda pressão comercial. Chegaram aqui, nesse período, cento e sessenta embarcações americanas, em geral grandes navios com carregamentos valiosos, três quartos dos quais me eram consignados». Quanto ao seu conforto, era agora outra a situação: «Vivo numa casa muito confortável, situada num alto e com dois hectares e meio de jardins cheios de frutos tropicais e outros, um belo lugar romântico a apenas dez minutos a pé da Alfândega. Todos os estrangeiros ficam mudos de espanto diante do jardim e da beleza do panorama e da paisagem desta ilha.» No final, acrescentava: «O que precede é a cópia feita pelo meu filho de apontamentos desorganizados que eu ia tomando em diferentes momentos de vagar. Dar-lhe-á alguma ideia do lugar onde me coube em sorte viver presentemente, mas por causa das condições de vida da minha família tenciono (se Deus poupar a minha vida) regressar à América daqui a poucos anos.»²⁷

Isto não viria a acontecer, até porque a família se adaptou ao local. Saltando muitos anos sobre estas cartas de John Bass, vejamos o que, em 1867, depois de uma visita aos EUA, Roxana nos dizia sobre o Faial. A 4 de Setembro, interrogava-se sobre se seria mais feliz ali ou na América: «Como estava saboroso o pequeno-almoço, em especial as uvas. Subi para visitar Eddie, que tinha mandado pôr a cama de modo a poder ver o *Fredonia* a ancorar e eu sabia que ela estava a ver-nos. Está com muito bom aspecto. Depois do jantar, o pai, a tia Olivia, Harriet e eu descemos ao Monte da Guia. Eu fui de burro e cheguei antes dos outros. Quando estava sentada na varanda, vendo um carro de bois a entrar vagarosamente na praia, tive uma sensação curiosa, como jamais tinha experimentado, era um contraste tão completo com o que eu tinha deixado para trás. Penso que foi devido a ter interrompido tão cedo a minha visita.» Eis o termo das suas

reflexões: «É tudo muito belo, mas tem um certo carácter de sonho de há dois ou três séculos atrás. No entanto, estou perfeitamente satisfeita e feliz e bem posso estar porque há tudo menos vida e mais pessoas de fora como nós. Isto é, a vida aqui deve provir de dentro e estou decidida a que venha.» A 15 de Dezembro, voltava ao tema: «Fui lá acima aos *Cedars* [uma das casas dos Dabney] para cantar mas, em vez disso, tivemos uma discussão muito animada, em que entraram John e Sam, acerca das vantagens e desvantagens de viver no Faial. Penso que todos concordámos que provavelmente não seríamos mais felizes em qualquer outro lugar.»²⁸

Falta responder à questão da origem desta família. Os Dabney descendiam de uma família huguenote francesa, os d'Aubigné, coisa de que sempre se orgulharam. Segundo uma carta de William Henry para o irmão mais velho, Charles William, datada de 5 de Maio de 1853, descenderiam de um avô de Madame de Maintenon. De seu nome de baptismo Françoise d'Aubigné, esta viria a casar morganaticamente com o rei Luís XIV, acabando por se tornar católica. O seu avô teria sido um dos mais altos representantes do Protestantismo francês, tendo, em 1619, decidido ir viver para Genebra²⁹. Com razão, tendo em conta o que se seguiu: para fugir à perseguição desencadeada contra os Protestantes, depois da revogação do Édito de Nantes (1685), muitos membros da família trocaram então a França pela Inglaterra, deslocando-se, mais tarde, para uma das colónias, a América do Norte.

Entre 1715 e 1717, os irmãos Cornelius e John deixaram o País de Gales, onde se tinham radicado, optando por mudar o seu nome para Dabney. Instalaram-se na Virgínia, enquanto um outro irmão, Robert, foi viver para Boston, onde fundaria outro ramo da família³⁰. O começo de vida não foi simples. Estranhamente, os primeiros colonos americanos — quase todos pertencendo a famílias da classe média — não tinham pensado no modo como iriam subsistir, uma vez instalados na nova Jerusalém. Imaginaram pescar, mas nada sabiam desta arte; tão pouco eram capazes de caçar ou de cultivar a terra. Até terem aprendido a fertilizar o solo, jamais tiveram uma boa colheita. Mas, passado algum tempo, eram já exímios em qualquer destes ramos. É evidente que o solo, a água e o clima locais ajudaram,

mas se não fossem empreendedores de nada lhes teriam valido as dádivas divinas.

Os primeiros colonos estavam bem situados para enriquecer. Uma vez que as Caraíbas não produziam comida — os escravos ali existentes eram alimentados à base de carne salgada vinda de Inglaterra — aquela região costeira tornou-se num mercado importante para a exportação de bacalhau salgado, um produto abundante no litoral da Nova Inglaterra. Os colonos passaram a vender bacalhau aos proprietários negreiros, de lá trazendo melão, tabaco, algodão e sal. Como escreve Kurlansky: «Apenas vinte e cinco anos depois de os Peregrinos terem chegado à América, os habitantes de Nova Inglaterra já estavam envolvidos num comércio triangular.»³¹ Em 1645, um navio americano comprou escravos em Cabo Verde, vendeu-os em Barbados e regressou a Boston com os porões cheios de vinho, melão, sal e tabaco. Era um negócio promissor.

Como se sabe, em 1776, as 13 colónias americanas revoltaram-se contra a Coroa britânica, tendo-se tornado independentes. Limitada nos objectivos, a Revolução Americana foi muito diferente das outras. A *Boston Tea Party*, de 1773, consistira numa acção instigada por comerciantes contra um imposto lançado sobre um produto importado. O objectivo era simples, claro e limitado. Os ingleses retaliaram fechando o porto de Boston, mas, nesta altura, os habitantes de Nova Inglaterra já tinham aprendido a ser autónomos. Neste sentido, eram invencíveis.

Ao contrário do que se imagina, a estrutura social da ex-colónia manteve-se hierárquica: ali, não havia pés descalços a exigir reformas, mas um grupo pertencente à classe média que, embora não desejasse obedecer aos lordes metropolitanos, prezava acima de tudo a ordem. Os «aristocratas» de Boston sentiam-se felizes com a manutenção da estrutura de classe anterior à independência. Uma vez expulsos os britânicos, a «revolução» ficara, na sua opinião, completa: Deus estava no Céu e, na terra, mandavam eles. Apesar de economicamente ligados às docas, e aparentemente ao mundo, os *Brahmin*, a que os Dabney pertenciam, eram orgulhosos, *snobs* e paroquiais.

Derrotados em terra, os ingleses optaram por vencer os insurrectos no mar. Em 1812, ingleses e americanos lançaram-se numa

guerra que viria a durar dois anos. A interdição à navegação livre afectou o comércio americano com as Índias Ocidentais. A perseguição dos navios ingleses acabaria por chegar ao Faial, como se pode ver num dos episódios, o do navio *Armstrong*, de que a seguir falaremos.

Mas voltemos aos Dabney. O primeiro membro desta família a residir no Faial foi, como vimos, John Bass, nomeado cônsul em 1806. Nascido a 13 de Dezembro de 1766, descendia, pelo lado materno, de Samuel e Hannah Bass, os quais tinham chegado ao Massachusetts pouco depois do *Mayflower*³². Da sua ascendência paterna, os d'Aubignés, já falámos. Na juventude, John Bass tinha montado um negócio em Alexandria (no estado da Virgínia), o qual consistia em exportar produtos americanos para a Europa, de onde importava vinho francês. Em 1792, casara com Roxa Lewis e, a 19 de Março de 1794, nascia, ainda em Alexandria, o seu primeiro filho, Charles William. Dois meses depois, decidiu ir viver para França, onde montou uma nova casa comercial. Apesar das convulsões políticas após a Revolução Francesa, conseguiu prosperar. Em 1795, em parceria com um sócio, possuía já 12 navios. O empreendimento fê-lo viajar, em particular para os EUA e para as Caraíbas. Mas, visto os seus navios navegarem sob bandeira francesa, quando a França e a Inglaterra entraram em guerra, a Royal Navy considerou serem aqueles um alvo a abater. Foi então que John Bass decidiu abandonar Bordéus.

Em 1804, depois de ter mandado a mulher e os filhos para os EUA, embarcava com destino aos Açores. Além da situação geográfica da Horta, Portugal tinha a vantagem de, na contenda, ser um país neutro. John Bass passou esse Inverno na Horta, tendo viajado depois até Boston. Decidira já instalar-se na Horta, de onde dirigiria os abastecimentos dos navios de caça à baleia, a navegação mercante que por ali passava e a exportação de produtos para a Europa. Numa sociedade tão hierarquizada quanto a açoriana, depressa se apercebeu de que um cargo como o de cônsul, mesmo que dos EUA, lhe traria prestígio e imunidade. Através da família da Virgínia, que conhecia o presidente Jefferson, não lhe foi difícil obter o lugar. Em 1806, voltava à ilha com o mandato no bolso.

A fim de exportar o vinho do Pico, que tinha grande aceitação

internacional, começou a construir armazéns e adegas perto do cais. Em Setembro de 1807, a mulher e os filhos chegaram. Apesar do embargo britânico, os navios americanos continuaram o seu comércio, mas os incidentes no mar sucediam-se. Eis um deles. A 26 de Setembro de 1814, o navio «corsário» americano *General Armstrong* entrava na baía da Horta. O comandante, o capitão Samuel Chester Reid, pediu para ali reabastecer o barco. Em princípio, dado Portugal ser um país neutro, podia conceder o privilégio a ambos os lados, pelo que as autoridades locais o permitiram. Ao entardecer, um navio inglês aproximou-se da baía. Pensou-se que o acordo não seria violado. Mas não era um navio vulgar: era o *Carnation*, dispunha de 18 canhões e, ainda por cima, vinha acompanhado por outros dois, ainda mais poderosos, um deles comandado pelo capitão Robert Lloyd, mais conhecido como *Mad Lloyd*. O comandante americano não estava em posição de escapar ao ataque.

Antevendo sarilhos, John Bass mandou o filho Charles, então com 21 anos, a bordo do *General Armstrong*, a fim de recomendar ao comandante que removesse o navio para perto dos canhões da fortaleza. Este aguentou dois ataques, até que, ao terceiro, naufragou. Do lado inglês, o número de mortos foi muito superior ao americano, o que explica o facto de, no momento em que o capitão Reid e a sua tripulação regressaram aos EUA, terem sido recebidos como heróis. Foi a última batalha naval entre ingleses e americanos³³.

Entretanto, John Bass Dabney continuava a expandir os negócios, obtendo o respeito não só dos estrangeiros que pelo Faial passavam, mas da população local. Nunca falou português, nem se integrou na sociedade faialense, como viria a fazer o filho primogénito, mas era respeitado, pelo menos, pelas classes médias. Já a relação com os morgados é mais difícil de avaliar. Estes eram ainda suficientemente retrógrados para olhar com distância um comerciante. John Bass viria a morrer no Faial em 1826.

De início como vice-cônsul e, depois, com o título completo, Charles William assumiu o cargo diplomático do pai, mantendo-se também à frente dos negócios. A 3 de Novembro de 1826, recebeu a carta dos EUA com a nomeação, mas não foi logo acreditado, devido ao facto de a situação política em Portugal se ter deteriorado.

Thomas Lee Brent, o *chargé d'affaires* americano em Lisboa, submeteu ao Paço a sua nomeação em Março de 1828, mas esta só viria a ser aprovada nove anos depois, devido à sua presumível ou real participação na guerra civil portuguesa. Embora seja certo que as suas simpatias iam para a causa liberal, isso não implica que tenha ajudado os partidários de D. Pedro. Charles William era, acima de tudo, um comerciante, pelo que não iria pôr em risco o seu negócio, a fim de satisfazer os desejos de qualquer dos infantes portugueses.

A 8 de Junho de 1831, o conde de Vila Flor enviara-lhe uma carta, pedindo-lhe para ceder os dois navios baleeiros que ali estavam ancorados, a fim de neles poder transportar as suas tropas. Dabney negou, argumentando ser demasiado tarde para dar contra-ordens aos capitães. Foi então que os liberais decidiram construir um arsenal na Horta, com o objectivo de preparar navios para a expedição a Portugal, tendo, desta vez, a empresa dos Dabney fornecido os materiais necessários. Em Abril de 1832, no primeiro navio a vapor que aportou à ilha, D. Pedro voltou à Horta. Tiveram lugar alguns bailes, um deles na residência dos Dabney, mas nada disto prova o seu envolvimento nas questões portuguesas³⁴.

A sua actuação como cônsul foi geralmente consensual, excepto durante a época da guerra civil americana, em que ocorreram vários incidentes no mar, pois os navios sulistas, com destaque para o *Alabama*, haviam jurado afundar os baleeiros e navios de carga ligados a Charles Dabney³⁵. De facto, quando estes tinham passado pelos Açores, recusara-se a vender carvão aos navios confederados. Os Dabney do Faial estiveram sempre do lado da União na luta contra os estados esclavagistas. Exceptuando esta fase, os negócios decorriam à margem da política e, de forma global, tudo se passava satisfatoriamente. Charles Dabney alargara a empresa à caça da baleia, um passo importante. Desde meados do século XVIII que os navios, com base nas colónias inglesas na América, caçavam estes animais nas águas açorianas, uma actividade que estava a expandir-se: entre 1827 e 1841, o número de navios americanos a ancorar na Horta passou de seis para 180. Além de armazéns, Charles Dabney construiu oficinas, onde eram esartejadas as baleias, delas sendo retirado o óleo que seguia para a América.

Por sorte, dispomos de uma descrição do quotidiano desta família em meados do século XIX. O autor, João Dabney de Avelar Brotero, era sobrinho de Charles William. A sua mãe, Nancy, era a única filha de John Bass que se casara com um não americano e um não protestante, ou seja, com um português e um católico, acção que a família desaprovava, antes de a aceitar como inevitável, tendo-se mais tarde reconciliado com o casal, desde logo porque o marido de Nancy se revelaria competente, como o prova o facto de ter sido um dos fundadores, em 1827, da primeira Faculdade de Direito do Brasil.

Eis como, em 1856, o filho de Nancy descrevia os primos americanos: «Estou convencido de que, entre todos os martírios que me poderiam ser afligidos, um dos maiores é «um serão de família», não tens uma ideia do que possa ser, eu, habituado, em S. Paulo, a passar uma noite deliciosamente deitado numa rede, em mangas de camisa, entre uma dúzia de amigos, cheios de loucura feliz ou architectando a forma de montarmos um jogo de cartas ou um «solitário!» Tudo isto com humor ou com espírito, agora ter de estar imerso entre mulheres intensamente sérias e solenes, gozando dos prazeres simples de se observarem, umas às outras, a bordar, outra lendo um sermão, interrompendo, por vezes, o silêncio com uma pergunta frívola sobre o número e o tamanho das cobras ou as características de certos insectos existentes no Brasil... *O horror disto tudo!*»³⁶ Noutra carta, descrevia o quotidiano: levantavam-se todos às cinco horas da manhã, lavavam-se seguidamente, com água fria e uma esponja, dentro de grandes bacias de metal, após o que faziam exercícios físicos, antes do pequeno-almoço, que tinha lugar às oito horas. Este não incluía chá ou café, mas apenas água mineral, após o que os homens iam para o escritório, até às duas horas da tarde, enquanto as mulheres se dirigiam para a biblioteca, onde liam ou bordavam. Almoçavam todos juntos, indo, a seguir, jogar bilhar. Da parte da tarde — naquilo que ele considerava uma monomania — tinham novamente de fazer exercício físico. À noite, tocava-se um pouco de música, ao que se seguiam os tais intoleráveis serões. Finalmente, iam dormir. Mesmo aqui, contava, havia uma particularidade irritante: nunca fechavam completamente as janelas, por considerarem que o ar fazia bem à saúde. A única faceta que julgou ser positiva foi o facto de as crianças estarem sempre ocupadas, fosse no ginásio, fosse em

pequenas oficinas, fosse a brincar no jardim. Ensinados a ler pela tia Olívia, os miúdos pareceram-lhe felizes, robustos e bem alimentados. Notou ainda que a sua educação era muito, mas muito, religiosa³⁷. Esta vida austera pareceu-lhe um pesadelo. Mas não era assim que os Dabney a viam. Todos seguiram, sem um gemido, as regras ditadas por seus pais e avós.

Como é natural, a relação de Charles William com os faialenses foi muito diferente da do seu pai. Além de mais próximo dos locais, era também mais generoso. Como vimos, socorria os pobres sempre que a ele acorriam. Em inúmeras ocasiões, ajudou as autoridades locais, importando e transportando milho dos EUA a suas expensas. Em 1847, 1857 e 1858, pagou do seu bolso várias toneladas de cereais, a fim de impedir que a população morresse de fome. Em 1859, abriu, em Boston, uma subscrição pública — nos jornais locais — solicitando aos seus compatriotas que ajudassem a ilha, mais uma vez a braços com uma grave crise de subsistência³⁸. Em 1862, num gesto de gratidão, a Câmara doou aos Dabney um talhão no cemitério local — evidentemente católico — para que ali pudessem ser sepultados.

Nas últimas décadas do século XIX, começaram a aparecer nuvens no horizonte. A crescente presença de navios a vapor fez com que a necessidade de as embarcações se abastecerem a meio do Atlântico — a travessia era agora mais rápida — diminuísse. Por outro lado, e não menos importante, havia a concorrência da doca de Ponta Delgada. Finalmente, o petróleo começou a rivalizar com o óleo da baleia. Talvez os Dabney se pudessem ter adaptado a este estado de coisas, mas as novas gerações preferiram trocar a Horta pelos EUA. Chegara o momento de voltar à Pátria.

Tal não aconteceu de forma súbita. Quando Charles William morreu, em 1871, foi substituído pelo filho, Samuel, o qual foi amadurecendo o plano. Aliás, desde meados do século que vários membros da família haviam começado a partir, tendo muitos deles iniciado negócios nos EUA, o que era fácil, uma vez que os laços com o País nunca haviam sido cortados³⁹. Os Dabney eram cosmopolitas, viajados e cultos. Além de a família ter passado temporadas na Europa, nomeadamente em Inglaterra, alguns dos seus filhos tinham estudado em Londres, Paris e Genebra.

É altura de falar da educação, um tópico importante para esta família. Como escreveu Thomas H. O'Connor, apesar das elucubrações dos *Pilgrims* sobre os temas da salvação e condenação, a elite de Boston deu sempre uma grande importância ao mérito. Podiam ter estado perto do Calvinismo, mas a sua fé evoluíra para uma amálgama que dava um relevo especial ao trabalho, à poupança e à filantropia⁴⁰. Originariamente puritanos, os Dabney haviam-se convertido, primeiro, ao Congregacionalismo e, mais tarde, ao Unitarismo, uma fé que colocava um novo ênfase na bondade de Deus e na perfectibilidade do homem: «Para eles [as classes altas de Boston], o fim do Congregacionalismo não significava necessariamente o fim dos princípios morais e dos níveis éticos. O Unitarismo era um meio-termo entre o terrífico Calvinismo e uma versão moderna do Deísmo: ao aceitar as lições da Razão, embora reconhecendo as tradições religiosas da velha Boston, a nova religião juntava o melhor dos dois mundos.»⁴¹ A dieta cultural dos pobres reduzia-se ao ensino elementar, mas os filhos da elite tinham de possuir outro tipo de educação: não foi por acaso que a Universidade de Harvard surgiu apenas 16 anos depois de os colonos ali terem desembarcado⁴².

O Unitarismo era progressista. Uma das instituições de ensino primário mais esclarecidas era a dirigida pelas irmãs Beecher, Catherine e Harriet — a última é a autora do famoso *Uncle Tom's Cabin* — tendo sido aí que alguns dos Dabney receberam a sua primeira instrução. Em meados da década de 1830, Charles William optou por trazer para a Horta uma série de preceptores. Entre eles, vieram celebridades, de que o mais conhecido terá sido Samuel Longfellow, o irmão mais novo do poeta Henry Wadsworth Longfellow. Mais tarde, quando se tratou de mandar os filhos para a universidade, não houve hesitação: foram todos para Harvard, uma instituição à qual a família estava desde há muito ligada, uma vez que o seu presidente, Josiah Quincy III, era amigo da família.

Já que falamos de celebridades, vale a pena referir que algumas visitaram a Horta a convite dos Dabney, desde o pintor William Morris Hunt ao jovem J.P. Morgan, mais tarde famoso banqueiro⁴³. Ao longo dos anos, estes mantiveram correspondência com vários intelectuais, de que o mais célebre terá sido Emerson, a cuja

doutrina aderiam. Emerson criara um movimento, o Transcendentalismo, que se tornou popular entre as classes altas da Nova Inglaterra. A sua doutrina vincava as virtudes do individualismo, sugerindo aos americanos que deixassem de imitar as atitudes do Velho Mundo e que estabelecessem «a sua própria vida»⁴⁴. Foi isso que atraiu os Dabney.

A certa altura, o governo americano decidiu que a presença de um cônsul na Horta já não se justificava. Os Dabney começaram a vender as propriedades e a encerrar os negócios. A festa de despedida que os habitantes do Faial organizaram — e que culminou na regata, realizada a 24 de Junho de 1891, na qual os Dabney participaram a bordo do seu *Bayadère* — foi uma homenagem prestada a uma família que, ao contrário de outras, foi acarinhada⁴⁵. A 12 de Janeiro de 1892, os Dabney deixavam a ilha.

Alguns dias depois, *O Açoriano* publicou uma carta da «Família Dabney» na qual se comunicava que o desejo de reunião fora uma das razões que a tinham levado a partir. Acrescentava-se: «Vínculos desta sorte não podem ser quebrados por distâncias quaisquer; ou nas margens do Atlântico ou do Pacífico, onde quer que nos achemos, tudo o que toca aos açorianos, principalmente os faialenses e os picoenses, vai achar eco nos nossos corações e levamos a esperança de algum dia voltar a ver estas queridas ilhas e os seus amados habitantes.»⁴⁶ Isto não viria a acontecer, mas nem os Dabney esqueceram o Faial nem a ilha os esqueceu.

NOTAS

- 1 Intitulada «A Vida Quotidiana na Ilha do Faial ao Tempo da Família Dabney», esta série está incluída na colectânea organizada por Mário Mesquita e intitulada *A Regra da Instabilidade* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1987, pp. 59-70).
- 2 Mário Mesquita descobriu os *Annals* em 1979, durante uma ida aos EUA, onde teve acesso a duas cópias: uma na Universidade de Harvard — instituição há muito ligada à família — e outra na posse do responsável pela secção de Livros Raros da Biblioteca da Universidade da Califórnia, em San Diego.
- 3 É curioso notar que, apesar de a bibliografia primária ser abundante, de os seus arquivos não terem sido destruídos e de existirem obras escritas pelos fundadores, quase não existem livros académicos sobre as comunidades estrangeiras radicadas em Portugal. O caso mais notório é o dos ingleses do Porto, um grupo com raízes no negócio do vinho.
- 4 *Anais da Família Dabney no Faial*, IAC — Núcleo Cultural da Horta, 2004/2006.
- 5 Maria Filomena Mónica *et al.* (org.), *Dicionário Biográfico Parlamentar*, Lisboa, ICS/AR, 2004/2006.
- 6 Ver *Censo de 1864*, Lisboa, 1866, e Gerardo A. Pery, *Geographia e Estatística Geral de Portugal e Colónias*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1875, p. 298.
- 7 Ver Jorge Martins Ribeiro, «O Faial no relacionamento entre Portugal, os Estados Unidos e a França entre finais do século XVIII e inícios do século XIX», in *Actas do IV Colóquio, O Faial e Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, Núcleo Cultural da Horta, 2007.
- 8 Ana Maria Almeida Martins, *Obras Completas: Antero de Quental*, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989, vol I., p. 249.
- 9 J.M. Sardica, *Duque de Ávila e Bolama: Biografia*, Dom Quixote/Assembleia da República, 2005, p. 12.

- 10 Thomas Hickling fora entretanto nomeado vice-cônsul americano em S. Miguel. Nascido em Boston, a 21 de Fevereiro de 1745, era partidário da revolução independentista, causa que desagradara ao pai, leal aos britânicos. Temendo que o filho viesse a ser preso, mandou-o para Ponta Delgada como seu delegado comercial. Aquele partiria em 1769, deixando a mulher e os dois filhos em Boston. Em 1778, após a morte daquela, casou com Sarah Falder, uma jovem de Filadélfia que, com os pais, aportara a São Miguel após um naufrágio. Hickling seria um dos pioneiros da cultura e da exportação da laranja para a Grã-Bretanha e para o Báltico, tendo-se transformado rapidamente num dos homens mais ricos dos Açores. Em 1795, foi nomeado por Jefferson, então secretário de Estado, para vice-cônsul dos Estados Unidos em S. Miguel (cargo a que o filho daria continuidade). Possuía duas belas casas, uma em Ponta Delgada e outra nas Furnas.
- 11 Joseph e Henry Bullar, *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas*, Londres, 1841. Existe tradução portuguesa: *Um Inverno nos Açores e um Verão na Vale das Furnas*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1949.
- 12 Reconhecia, contudo, que o facto era prejudicial às classes populares, uma vez que, em geral, todas tinham o seu porco e que este se alimentava dos restos de comida que existia nas ruas: «Os pobres porqueiros foram, em geral, vítimas do olfacto ultrajado da gente rica.»
- 13 Ver J. Webster, *A Description of the Island of St Michael's Comprising an Account of its Geological Structure*, Boston, 1821 (há uma boa tradução desta obra em *Arquivo dos Açores*, volumes XIII e XIV, 1989). Este professor de Geologia e Química em Harvard permaneceu na ilha entre os anos de 1817 e 1818.
- 14 Ver o longo e interessante capítulo sobre este crime em S. Schama, *Dead Certainties* (Londres, Granta, 1991), e J. C. Abdo, *op. cit.*, pp. 260-3. A referência ao facto apenas surge no Diário de Roxana em 1863.
- 15 Luís da Silva Mouzinhos de Albuquerque, *Observações sobre a Ilha de S. Miguel Recolhidas pela Comissão Enviada à Mesma Ilha em Agosto de 1825*, Lisboa, 1826.
- 16 Ver J.M. Sardica, *op. cit.*, subcapítulo intitulado «A Conquista dos Açores».
- 17 *Memórias do Marquês de Fronteira e Alorna*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1986, vol. III/IV, p. 222.
- 18 Captain Boid, *A Description of the Azores or Western Islands*, Londres, Edward Churton, 1835.
- 19 Carta de José para André do Canto, datada de 29 de Agosto de 1845, depositada no Centro de Documentação da Universidade dos Açores.

- 20 Carta de José para André do Canto, datada de 1 de Novembro de 1845, depositada no Centro de Documentação da Universidade dos Açores. De facto, o primeiro jornal a ser publicado no Faial, *O Incentivo*, data de 1857. Isto não é tão extraordinário quanto José do Canto quer fazer crer. *O Açoriano Oriental*, de Ponta Delgada, foi fundado em 1835, o que faz dele o mais antigo jornal português. Visto sob esta perspectiva, todos os outros são «atrasados».
- 21 Carta de José do Canto às irmãs, datada de 20 de Novembro de 1845, depositada no Centro de Documentação da Universidade dos Açores.
- 22 *Anais*, vol. II, p. 42.
- 23 Há várias edições recentes do livro, como, por exemplo, a da Penguin, 2003.
- 24 Charles Roundell, *A Visit to the Azores*, Londres, Bickers and Con, 1889.
- 25 *Anais*, vol. I, pp. 17-20.
- 26 O *bushel* é uma medida americana de capacidade, para secos, de cerca de 35,2 litros. O total exportado seria, assim, de cerca de 176 mil hectolitros.
- 27 *Anais*, vol. I, pp. 41-8.
- 28 *Anais*, vol. III, pp. 330 e 350.
- 29 Além dos *Anais*, ver também Joseph D. Abdo, *On The Edge of History: The Story of the Dabneys Family and Their Influence on Atlantic History*, Portugal Tenth Editions, 2005, pp. 15-6, no qual se toma este dado como adquirido.
- 30 Ver Joseph D. Abdo, *On The Edge of History*, *op. cit.*
- 31 Ver M. Kurlansky, *Cod: a Biography of the Fish that Changed the World*, Londres, Penguin, 1997.
- 32 Como se sabe, os primeiros emigrantes, mais conhecidos como «*pilgrims*», chegaram a Cape Cod a 11 de Novembro de 1620. Eram indivíduos que haviam recusado aceitar a hegemonia da Igreja Anglicana, desejando implantar a sua versão do Cristianismo no Novo Continente.
- 33 O assunto da batalha envolvendo o navio *General Armstrong* não seria esquecido. Dezoito anos depois do seu afundamento, os donos exigiram da Grã-Bretanha o pagamento do barco (o que não conseguiram). Tendo pedido o auxílio do governo americano, este solicitou a Portugal que pagasse a despesa, argumentando que o País não tinha assegurado a neutralidade do porto. O Executivo português respondeu não ter recursos para tal, além de que qualquer tipo de acção bélica teria significado a destruição do Faial. Em 1850, o presidente americano Zachary Taylor pediu ao embaixador americano em Portugal para escrever um ultimato ao governo português, no sentido de proceder ao pagamento. Ao fim de alguns meses,

- os portugueses aceitaram pagar uma parcela dos prejuízos, mas não a perda do navio, propondo que o assunto fosse sujeito a uma comissão arbitral internacional, sugestão que não foi aceite. Em Julho de 1850, os navios de guerra *Independence* e *Mississippi* entravam no porto de Lisboa, onde permaneceram durante 20 dias, com os canhões apontados à cidade. Não tendo o governo cedido, o embaixador americano abandonou o posto. A crise não teve consequências de maior, uma vez que o presidente Taylor morreu, tendo sido substituído por Millard Fillmore, o qual acabou por retomar relações com Portugal. Sujeito a julgamento internacional, o assunto foi decidido a favor de Portugal, o que colocou um ponto final no assunto.
- 34 Ocasões houve em que o seu posto consular se encontrou ameaçado, tendo ele, a certa altura, sido demitido; mas acabaria sempre por voltar a ocupá-lo, o que se deve à influência dos seus amigos de Boston.
- 35 Esta ameaça não foi concretizada, tendo o *Alabama* sido mais tarde afundado diante de Cherbourg, um acontecimento que deu origem ao quadro de Manet, *A Batalha do Kearsarge e do Alabama*, datado de 1864.
- 36 Citado em J.C. Abdo, *On The Edge of History*, *op. cit.*, pp. 253.
- 37 Citado em J.C. Abdo, *op. cit.*, pp. 253-4.
- 38 Não concordo com a crítica feita por José Guilherme Reis Leite à ideologia dos *Anais*. Para este autor, a obra teria como objectivo exclusivo o «engrandecimento de um nome de um clã». Isto só parcialmente é verdade e, na parte que o é, o empreendimento é legítimo. Não se pode denunciar os Dabney por não se terem tornado açorianos: como tantas famílias estrangeiras instaladas em Portugal, os seus membros casaram entre si e não com locais, devido à religião (protestante) e por se considerarem culturalmente superiores. Claro que Charles W. Dabney era um comerciante *yankee*, o que não o impediu, antes pelo contrário, de ajudar os faialenses. Ver a recensão de José Guilherme Reis Leite, em *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 14, 2005, pp. 226-8.
- 39 B. Baylin, *Education in the Forming of American Society*, Nova Iorque, Vintage, 1960.
- 40 Tão cedo quanto 1687, a Massachussets Bay Colony promulgara uma lei no sentido de ser necessário estabelecer uma rede pública de escolas.
- 41 *Idem*, pp. 42 e 46.
- 42 Thomas H. O'Connor, *Bibles, Brahmins and Bosses*, *op. cit.*, pp. 18-9. A Universidade de Harvard data de 1636.

- 43 Para além destes americanos, por lá passou gente tão célebre quanto Lorde Elgin, o Príncipe de Joinville e o general Prim.
- 44 *Idem*, pp. 62-3.
- 45 M. Lima, *Anais do Município da Horta*, Câmara Municipal da Horta, 2005, p. 599. Para fotografias desta regata, ver João A. Gomes Vieira, *Família Dabney, 1804/1892*, Lisboa, Intermezzo, 2005.
- 46 *Idem*, p. 600. A data do jornal é 17 de Janeiro de 1892.

BIBLIOGRAFIA

Livros Portugueses

- Actas do IV Colóquio: O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, Núcleo Cultural da Horta, 2007.
- M. LIMA, *Anais do Município da Horta: História da Ilha do Faial*, Câmara Municipal da Horta, 2005.
- Memória do Marquês de Fronteira e d'Alorna*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1986.
- J.M. SARDICA, *Duque de Ávila e Bolama: Biografia*, Lisboa, Dom Quixote, Assembleia da República, 2005.
- C. SILVEIRA, *A Horta Antiga*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, 2007.
- PAULO SILVEIRA E SOUSA, «As Elites Insulares (1766-1836)», in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas de Meneses e J.G. Reis Leite (orgs.), *História dos Açores*, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, vol. I, pp. 579-611.
- JOÃO A. GOMES VIERA, *Família Dabney, 1804/1892*, Lisboa, Intermezzo, 2005.

Livros e Artigos Estrangeiros

- J.C. ABDO, *On the Edge of History: the Story of the Dabney Family and Their Influence on Atlantic History*, Portugal, Tenth Island Editions, 2005.
- Idem*, «The Dabney Family of Faial», *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*, 6-8 Maio de 2001, www.fcsh.unl.pt/congressocean/joseph-abdo.doc.
- R.J. ALLISON, *A Short History of Boston*, Massachusetts, Commonwealth Editions, 2004.
- ALICE BAKER, «Um Verão nos Açores e a Madeira de Relance», *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, V, 17, 1959.
- B. BAYLIN, *Education in the Forming of American Society*, Nova Iorque, Vintage, 1960.

- BOID (capitão), *A Description of the Azores or Western Islands*, Londres, Edward Churton, 1835.
- H. BROGAN, *The Penguin History of the United States of America*, Londres, Penguin, 1990.
- JOSEPH E HENRY BULLAR, *Um Inverno nos Açores e Um Verão no Vale das Furnas*, Ponta Delgada, Instituto Cultura, 2001.
- H. JAMES, *The Bostonians*, Londres, Penguin, 1986.
- M.B. KATZ, *The Irony of Early School Reform*, Boston, Beacon Press, 1968.
- M. KURLANSKY, *Cod: A Biography of the Fish That Changed the World*, Londres, Penguin, 1997.
- H. MELVILLE, *Moby Dick*, Oxford University Press, 1998.
- T.H. O'CONNOR, *Bibles, Brahmins and Bosses: A Short History of Boston*, Boston, Trustees of the Public Library of the City of Boston, 1976.
- S. SCHAMA, *Dead Certainties*, Londres, Granta, 1991.
- J.W. WEBSTER, *A Description of the Island of St. Michael*, Boston, 1821 (há tradução portuguesa, sob o título *A Ilha de S. Miguel em 1821*, em *Arquivo dos Açores*, XIII-XIV, 1989).
- LYMAN H. WEEKS, «Nos Açores», *Insulana*, vol. XIV, 1957/59.
- M. TWAIN, *Innocents Abroad*, Londres, Century, 1998.

Critérios da antologia

ESTA NÃO É UMA EDIÇÃO CRÍTICA, mas antes uma antologia que pretende fazer chegar ao grande público uma obra que, devido à sua extensão, ficaria relativamente ignorada. Manteve-se, tanto quanto possível, a estrutura narrativa cronológica original e procurou-se eliminar as repetições. Os excertos seleccionados tiveram sempre em atenção os seguintes critérios: as relações da família Dabney com os Açores, a sociedade açoriana, as outras comunidades estrangeiras e as redes de circulação e de negócios no Atlântico, baseadas em actividades como o apoio à navegação, a pesca à baleia, a exportação de vinho e de laranja; a forma como os Dabney introduziram factores de modernização, novos comportamentos sociais (como por exemplo a prática desportiva), máquinas, espécies botânicas ou preocupações culturais; o modo como uma família norte-americana, protestante e muito devota se integrou e descreveu o quotidiano insular e como aqui reproduziu o seu mundo, a sua malha de negócios e os seus valores, amplamente marcados pela crença na progressão através da instrução e do mérito, e pela crença na liberdade equilibrada pela ordem; o carácter cosmopolita que, no século XIX, uma pequena cidade açoriana como a Horta podia adquirir, numa época em que os Açores, longe de serem apenas uma periferia, eram um lugar de escala para boa parte da navegação transatlântica.

Os três volumes originais dos *Anais da Família Dabney no Faial* são compostos por uma intrincada manta de retalhos de cartas familiares, cartas de negócios, fragmentos de diários e correspondên-

a natureza encantadora, solar, da sua filha Harriet, que sempre tornou tudo fácil numa casa grande e complicada, onde necessariamente existiram com frequência coisas desesperantes. Ele amava verdadeiramente todos os filhos e estou certa de que apreciava as qualidades positivas de cada um, porque sempre foi observador e justo.

Tenho a certeza de que todos concordareis comigo em que houve na vida dos nossos antepassados coisas suficientes para gravar em nós todos a verdadeira interpretação das palavras

«NOBLESSE OBLIGE».

Genealogia da Família Dabney

I - **JOHN BASS DABNEY** (1766-1826) casou com **ROXA LEWIS DABNEY** (1772-1845)

FILHOS:

1 (II) Charles William Dabney (1794-1871) *Segue*

2 (II) George Dabney (1797-1799)

3 (II) **ROXALINA DABNEY** (1799-1872) casou com
CHARLES CUNNINGHAM (1791-1871)

FILHOS:

1 (III) Frederic Cunningham (1826-1864)

2 (III) Charles Dabney Cunningham (1823-1843)

3 (III) Francis Pomeroy Cunningham (1825-1826)

4 (III) Frederic Cunningham (1826-1864)

5 (III) William Henry Cunningham (1832-1867)

4 (II) John Lewis Dabney (1801-1853)

5 (II) **NANCY DABNEY** (1803-1872) casou com

JOSÉ MARIA DE AVELAR BROTERO (1798-1873)

FILHOS:

1 (III) João Dabney de Avelar Brotero (1826-1859)

2 (III) Emília Dabney de Avelar Brotero (1832-1911)

3 (III) Rafael Dabney de Avelar Brotero (1835-1917)

4 (III) Francisca Dabney de Avelar Brotero (1837-1915)

5 (III) Frederico Dabney de Avelar Brotero (1840-1900)

6 (III) Isabel Dabney de Avelar Brotero (1843-1872)

7 (III) Maria Dabney de Avelar Brotero (1848-1903)

6 (II) George Dabney (1805-1822)

7 (II) James Madison (1808-1830)

8 (II) **FREDERIC DABNEY** (1809-1853) casou com

ROXANA STACKPOLE (1813-1887).

FILHOS:

1 (III) Frederic (1836)

2 (III) William (1837-1838)

3 (III) Frederic (1839-1840)

4 (III) Lewis Stackpole Dabney (1840-1908)

5 (III) George Stackpole Dabney (1842-1900)

6 (III) Walter Dabney (1844-1899)

7 (III) Frederick Dabney, Jr. (1846-1892)

8 (III) Arthur (1848)

9 (III) Alfred Satackpole Dabney (1850-1911)

10 (III) Grace (1853-1854)

9 (II) **EMMELINE DABNEY** (1811-1885) casou com **ADAM PATERSON**

FILHOS:

1 (III) Andrew (1837-1840)

2 (III) James (1839-1853)

Segundo casamento com **JOHN WARD GURLEY STACKPOLE**

FILHOS:

3 (III) Frederick (1849-?)

4 (III) Roxana (1855— ?)

10 (II) Olívia Dabney (1815-1888),

11 (II) **WILLIAM HENRY DABNEY** (1817-1888) casou com

MARY ANNE PARKER (1827-1879)

FILHOS:

1 (III) Olívia Frederica Dabney (1848-1888)

2 (III) William Henry Júnior (1855-1897)

II - **CHARLES WILLIAM DABNEY** (1794-1871) casou com

FRANCES ALSOP DABNEY (1797-1862)

FILHOS:

1 (III) Clara Dabney (1820-1920)

2 (III) **JOHN POMEROY DABNEY** (1821-1874) casou com

SARAH HICKLING WEBSTER (1821-1909)

FILHOS:

1 (IV) Charles Dabney (1846-1861)

2 (IV) Catherine Prescott Dabney (1850-1851)

3 (IV) Frances Dabney (1856-1918)

4 (IV) Edith Dabney (1852-1876)

5 (IV) Francis (1853-1934)

6 (IV) Wyllis Pomeroy Dabney (1854-1855)

7 (IV) Frances Susan Dabney (1856-1918)

8 (IV) John Pomeroy, Junior (1857-1916)

9 (IV) Sarah Hickling Dabney (1861-1930)

10 (IV) Ellen Dabney (1863-1940)

3 (III) **CHARLES WILLIAM DABNEY, JR.** casou com

SUSAN HEARD OLIVER

FILHOS:

1 (IV) Mary Oliver Alsop Dabney (1850-1917)

2 (IV) Francis Aimée (1855-1856)

3 (IV) Susan Heard Oliver Dabney (1857-?)

4 (III), **SAMUEL WILLIS DABNEY** (1826-1893) casou com

HARRIET WAINWRIGHT WEBSTER (1830-1924)

FILHOS:

1 (IV) Alice Dabney (1852-1923)

2 (IV) Herbert Dabney (1853-1920)

3 (IV) Richard Alsop Dabney (1856-1862)

4 (IV) Harriet Federica Dabney (1857-1862)

5 (IV) Ralph Pomeroy Dabney (1859-1899)

6 (IV) Clara Dabney (1861-1864)

7 (IV) **ROSE DABNEY FORBES** (1864-1947) casou com

JOHN MALCOLM FORBES (1847-1904)

8 (IV) **CHARLES DABNEY** (1867-1936) casou com

LUCY WILLIARD RUSSELL

5 (III) Roxana Lewis Dabney (1827-1913)

6 (III) Francis Oliver Dabney (1830-1858)

7 (III) **FRANCES ALSOP DABNEY** (1833-1926) casou com

GEORGE STEWART JOHNNOT OLIVER

FONTES: J.C. Abdo, *On The Edge of History: The Story of the Dabney Family and Their Influence on Atlantic History*, Portugal, Tenth Island Editions, 2005, p. 471. Frederico de Barros Brotero, *Descendentes do Conselheiro José Maria de Avelar Brotero*, São Paulo, Gráfica Canton, 1961. Francis M. Rogers, *Atlantic Islanders of Azores and Madeira*, Christopher Publishing House: Quincy, Massachusetts, 1979, pp. 145-173.

Notas Biográficas

MARIA FILOMENA MÓNICA nasceu em Lisboa, em 1943. Licenciou-se em Filosofia na Universidade de Lisboa, em 1969, e doutorou-se em Sociologia na Universidade de Oxford, em 1978.

Colabora regularmente na imprensa. Entre outros livros publicados, é autora de *Eça de Queirós* (2001), *Bilbete de Identidade* (2005) e *Cesário Verde* (2007). É investigadora-coordenadora Emérita do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Actualmente, está a escrever a biografia do grande proprietário açoriano José do Canto.

PAULO SILVEIRA E SOUSA nasceu no Funchal em 1970. Licenciou-se em Sociologia no ISCTE, em 1994, e é mestre em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (1998). É actualmente doutorando do departamento de História do Instituto Universitário Europeu de Florença.

Colaborou em diversas obras colectivas e publicou vários artigos sobre história dos Açores, história da saúde pública e história social das elites.

OS
DABNEY



*foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso na Guide, Artes
Gráficas, em papel Besaya
de 70 grs, numa tiragem
de 1500 exemplares,
no mês de Agosto
de 2009.*

